

# ANNAIS

ACADEMIA DE MEDICINA  
DA BAHIA



VOLUME 12

JULHO / 2003

---

SALVADOR-BAHIA

# Discurso proferido no Plenário Cosme de Farias da Câmara Municipal de Salvador

*Bernardo Galvão Castro Filho*

Saudação às autoridades

Gostaria de agradecer ao Vereador Jorge Jambeiro, um dos raros médicos em Salvador, que desenvolve um trabalho assistencial e de pesquisa voltado para os pacientes com Hanseníase. Além disto, participa de vários projetos que buscam a transformação social de comunidades carentes, através do Instituto Helena Jambeiro, dirigido pela sua excelentíssima esposa, D. Celeste Jambeiro.

Sinto-me extremamente agradecido ao povo da Cidade de Salvador pela concessão desta honraria: a Medalha Thomé de Souza.

No entanto, tenho certeza que este merecimento vem por antecipação. Tentarei justificar a razão desta afirmativa, no decorrer desta breve exposição.

Nasci em 30 de maio de 1945, no Corredor da Vitória.

Em 1954, nos transferimos para a Boa Vista de Brotas onde o **meu pai, Bernardo Galvão Castro, o Prof. Galvão**, como era conhecido, com o apoio **de minha mãe, Maria de Lourdes Corrêa Castro**, fundou o Ginásio Pâmphilo de Carvalho, atualmente Colégio Bernardo Galvão.

Éramos cinco irmãos, Sônia, Orlando - que já não está mais entre nós - Neuza e Luciano, além dos vários primos como, por exemplo, o querido amigo Olavo Galvão Castro. O Colégio funcionava em regime de externato e internato e morávamos no mesmo prédio, coabitando e compartilhando

das mesmas atividades dos internos. **Constituíamos uma grande família.**

Nesta atmosfera aprendi, desde cedo, a respeitar e me impor, a dividir com equanimidade, a compartilhar sem perder minha individualidade, o que me fez um homem gregário, com um imenso prazer de viver em grupo.

Durante o ano de 1957, quando cursei o quinto ano primário, vivi uma grande experiência na minha formação educacional. Por iniciativa da Profa. Cecília Vasconcelos, e com a anuência de meus pais, complementava os meus estudos no turno vespertino da Escola Parque, Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Após quatro horas de aulas do turno matutino, no Curso de Admissão ao Ginásio, no Colégio dirigido por meu pai, ia de ônibus com a Profa. Cecília, para a Caixa D'Água, aproveitar da maravilhosa experiência idealizada pelo educador Anísio Teixeira que, segundo Mário Cravo Jr., em um artigo publicado no caderno Cultural de A Tarde no dia 16/02/2002, tinha “confiança na juventude e uma esperança incontrolável na capacidade construtiva do homem em sociedade”.

Este período serviu, sobremaneira, para consolidar o meu compromisso social despertado desde os primórdios da minha existência **pelos ensinamentos e, sobretudo, pelo exemplo de meus pais.**

O curso científico, no Colégio Estadual da Bahia, o inesquecível Central, além da formação sólida resultante da competência do seu corpo docente, contribuiu para um grande amadurecimento, livrando-me da espartana disciplina imposta por meu pai e tornando-me, cada vez mais, responsável pelos meus atos.

A grande importância da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia dispensa comentários pelo fato de já ter sido tratado em muitas ocasiões, e, com certeza, por pessoas muito mais competentes do que eu.

No entanto, gostaria de ressaltar a influência do Serviço de Anatomia Patológica na minha carreira profissional. Este Serviço, dirigido pelo Prof. Zilton Andrade, despertou o meu interesse pela pesquisa científica, consolidada na Residência em Patologia e no Curso de Mestrado em Patologia Humana. Durante este curso, a orientação da Profa. Sônia Gumes Andrade foi de fundamental relevância, despertando-me o gosto pela pesquisa experimental.

Paralelamente ao Curso de Medicina, a participação no Movimento Estudantil foi enriquecedora, proporcionando-me uma melhor compreensão dos problemas sócios-econômicos brasileiros e colocando-me mais em contato com a injustiça social e a perversa distribuição de renda no nosso

país, o que me levou a fazer parte do quadro do Partido Comunista Brasileiro.

Tempo difícil e bom! Tempo de desespero e esperança!

Foi neste tempo que conheci Ana Maria Barros Silva, Aninha, em 30 de dezembro de 1967, num dos inesquecíveis bailes de formatura daquela época.

Casamos em 25 de julho de 1970. Aninha, a minha amada e companheira, além de ser a grande incentivadora da minha carreira, deu-me os mais preciosos tesouros da vida: Ana Karina e Ana Verena.

Dos livros que li, um que muito me impressionou foi “Concepção Dialética da História” - de Antônio Gramsci, no qual o autor chamava a atenção para a importância de se conhecer o mundo:

“Se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar da maior ou menor complexidade da sua concepção do mundo.

Quem fala somente o dialeto e compreende a língua nacional em graus diversos, participa necessariamente de uma intuição do mundo mais ou menos restrita e provinciana, fossilizada, anacrônica em relação as grandes correntes do pensamento que dominam a história mundial.

Seus interesses estão restritos, mais ou menos corporativos ou economicistas, não universais. Se nem sempre é possível aprender outras línguas estrangeiras a fim de colocar-se com vidas culturais diversas, deve-se pelo menos conhecer bem a língua nacional. Uma grande cultura pode traduzir-se na língua de outra grande cultura, isto é, uma língua nacional historicamente rica e complexa pode traduzir qualquer outra grande cultura, ou seja uma expressão mundial.

Mas com o dialeto, não é possível fazer a mesma coisa”.

Nosso desejo de conhecer o Mundo era muito grande!

Os três anos que moramos, eu, Aninha e Karina em Genebra, na Suíça, me possibilitaram, durante o Curso de Doutorado, sob a orientação do Prof. Paul Henri Lambert, a aprendizagem dos conceitos e das metodologias mais avançadas da época, na área de imunologia. **Mas sempre trabalhei com assuntos relacionados às doenças tropicais e, assim, nunca perdemos o nosso país de vista.**

Muito pelo contrário, tivemos o privilegio de conviver com um grupo liderado por **Paulo Freire** que nos permitiu refletir, profundamente, sobre os problemas brasileiros, reforçando o desejo de voltar ao nosso país e contribuir para seu desenvolvimento.

De volta ao Brasil, por motivos alheios a nossa vontade, fomos levados a nos transferir para o Rio de Janeiro, onde tive a honra de implantar e chefiar, por 11 anos, o Departamento de Imunologia, da Fundação Oswaldo Cruz, no qual vivi fatos marcantes da minha vida profissional, já lembrados pelo vereador e colega Jorge Jambeiro, relacionados, principalmente, a AIDS.

Baseado nas características epidemiológicas desta nova doença, não era preciso ser nenhum visionário para prever que a mesma se espalharia rapidamente pelo mundo, atingindo o Brasil e se tornando um dos mais graves problemas de saúde pública do século XX.

Vimos um dos primeiros casos de AIDS, no Rio de Janeiro, quando atendemos ao apelo de um pai desesperado, cujo filho se ultimava acometido por esta terrível doença.

Devido a estes acontecimentos, tomamos a decisão de iniciar uma nova linha de pesquisa no Departamento que dirigíamos, mesmo sem a aprovação da maioria dos pesquisadores que compunham este Departamento.

Cumpríamos, mais uma vez, a **Missão Maior** da Fundação Oswaldo Cruz: fazer pesquisa com o objetivo de solucionar problemas de saúde pública.

Graças ao apoio de dois grandes virologistas, Peggy e Hélio Pereira, como, também, ao destemor de um grupo de jovens pesquisadores, foi possível desenvolver uma tecnologia nacional que possibilitou a implantação da triagem do HIV nos bancos de sangue da rede estatal. Nesta época, implantamos também as bases do controle de qualidade dos testes laboratoriais e as do programa de garantia de qualidade dos bancos de sangue e laboratórios de saúde pública, contribuindo, desta maneira, para o controle da AIDS transfusional e implementando a melhoria do diagnóstico laboratorial no nosso país.

Posteriormente, em 1987, isolamos o HIV, pela primeira vez na América Latina, quatro anos depois de ter sido isolado, pela primeira vez, na Europa e nos Estados Unidos. Este fato, que teve grande repercussão na época, com ampla divulgação pela mídia, foi muito mais simbólico do que um fato científico importante. **Estes quatro anos de diferença representavam, na realidade, quarenta anos de atraso científico.**

Poderíamos ter isolado o **vírus “mortal”** mais rapidamente se aceitássemos propostas, ditas de colaboração, de alguns pesquisadores do primeiro mundo que propunham colher amostras de sangue dos pacientes brasileiros, transportá-las para seus laboratórios e, lá, realizar o isolamento.

Teria sido muito fácil aceitá-las e, quem sabe, mais proveitoso do ponto de vista pessoal. Teríamos, sem dúvida, um currículo com maior número de trabalhos publicados.

Entretanto, rejeitamos, veementemente, estas propostas de pesquisa rotuladas, naquela época, de “**pesquisas safari**” e decidimos enveredar por um caminho que, mesmo simbolicamente, nos levasse a contribuir para uma maior autonomia nacional em ciência e tecnologia.

Quero deixar claro que não sou contra as verdadeiras colaborações internacionais que se caracterizam por transferência mútua de conhecimento e tecnologia e, portanto, são benéficas para os países envolvidos.

Em relação à Ciência e Tecnologia, gostaria de mais uma, vez citar Gramsci:

“Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. **O fato de uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato filosófico bem mais importante e “original” do que a descoberta por parte de um gênio “filosófico”, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais**”.

Retornar para Salvador era nosso grande sonho e achávamos que só se realizaria na nossa aposentadoria.

Já se sabia que a AIDS assolava a África, implacavelmente, devastando cidades, ceifando vidas na fase mais economicamente produtiva e tornando órfãs milhares de crianças.

Tínhamos o receio que a AIDS atingisse nossa querida Salvador de maneira semelhante ao que ocorria na terra dos nossos ancestrais.

Então, a presidência da FIOCRUZ, exercida pelo grande sanitário Sérgio Arouca, decidiu, atendendo a uma decisão política, descentralizar as ações desta Instituição. Criou-se, com o apoio da Fundação Banco do Brasil, o Laboratório Avançado de Saúde Pública que é o Centro Nacional de Referência para o Diagnóstico, Isolamento e Caracterização do HIV, o qual tenho o privilégio de coordenar. Felizmente, **o perfil epidemiológico da AIDS, em Salvador, não se mostrou similar ao observado na África** mas àquele que ocorre no restante do Brasil.

A década de 80 foi rica em novos conhecimentos sobre a retrovirologia humana. Um ano antes da descoberta do HIV, em 1981, outro vírus tinha sido identificado, o HTLV-I. Embora pertencendo a mesma família do vírus da AIDS e se transmitindo da mesma maneira que este, ou seja, por via sexual, sanguínea e perinatal, apresenta algumas características que são diferentes. Por exemplo, enquanto o vírus da AIDS se espalha pelo mundo, constituindo uma pandemia, o HTLV-I ocorre em determinadas regiões geográficas. Enquanto o vírus da AIDS, na América do Norte, Europa e América Latina, acomete mais frequentemente determinados grupos, o HTLV-I espalha-se na população em geral, infectando mais mulheres que homens. Enquanto a grande maioria dos indivíduos infectados pelo vírus da AIDS adoece, isto acontece a somente 5% daqueles infectados pelo HTLV-I.

Trabalhos realizados por nosso grupo, em estreita colaboração com os pesquisadores Inês Dourado, Glória Teixeira e Maurício Barreto, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, **mostraram que 2% da população da cidade de Salvador está infectada por este vírus, sendo esta cidade a mais acometida no Brasil. Estima-se que 50 mil indivíduos estejam infectados.** Foi possível também demonstrar que esta infecção atinge mais **os indivíduos menos favorecidos socialmente, os mais pobres e com menor grau de escolaridade.** Portanto, esta infecção, na cidade de Salvador, é um sério problema de saúde pública. Esta maior prevalência do HTLV-I, em Salvador, deve-se ao fato da população desta cidade ser constituído por 90% de descendentes de africanos.

Nosso país, que apresenta profundas diferenças na distribuição de renda, **com poucos ricos e muitos pobres,** tem, também, diferenças no trato com problemas de saúde pública. O Programa de Controle de AIDS é um **exemplo marcante.** Como vocês sabem, este programa é considerado um dos melhores do mundo. Infelizmente, isto não ocorre em relação a outras doenças como, a grave epidemia de dengue que nos aflige neste momento.

O sucesso do Programa de AIDS é **um exemplo do exercício da cidadania. A sociedade civil organizada exigiu os seus direitos.** Nesta luta, de milhares de anônimos participantes, gostaria de destacar a atuação **de Lair Guerra de Macedo Rodrigues e de Hebert de Souza, o Betinho, hemofílico que junto com seus irmãos Henfil e Francisco Mário foram vítimas da AIDS.**

Muito pouco tem sido feito, também, para controlar a infecção causada pelo HTLV no nosso país.

**Recentemente, a Fundação para o Desenvolvimento das Ciências, coordenada pelo insigne Prof. Humberto de Castro Lima, cuja sensibilidade e interesse na solução dos problemas de saúde pública é incontestável, em um consórcio com o Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz e o Governo do Estado, através das Secretarias de Saúde e de Planejamento Ciência e Tecnologia, criou o Centro para o Atendimento Integrado e Multidisciplinar ao Indivíduo Infectado pelo HTLV-I, do qual tenho a honra de ser o coordenador. Esperamos que, por meio destas ações integradas, possamos contribuir para o controle e, porque não, para erradicação deste vírus, livrando a população de Salvador de mais um de seus problemas de Saúde Pública.**

Precisamente, há um mês e dezessete dias nasceu Thiago, meu primeiro neto, filho de Ana Karina e Anderson Barroso.

A chegada de Thiago me rejuvenesceu!

Embora esteja fazendo 57 anos dentro em breve, o nascimento de meu neto, junto ao desafio do controle do HTLV-I, em Salvador,

Re-estimularam-me o desejo!

Revigoraram-me as forças!

Redobram-me a esperança!

Portanto, senhores, a medalha que hoje recebo é antecipada mas me lança um desafio e me faz firmar um compromisso perante todos: contribuir para o controle da infecção causada pelo HTLV-I, grave problema de Saúde Pública no Brasil e, particularmente, nesta bela e dadivosa cidade do Salvador, que tão gentilmente me homenageia.

Então, senhores, poderei ser merecedor desta medalha!